

PARA CHEGAR AO JAPÃO

Depois de lhe ter levado as malas para dentro do comboio, Peter pareceu ansioso por sair. Mas não por se ir embora. Explicou que estava apenas com receio que o comboio começasse a andar. Depois, na plataforma, ele ficou a acenar para ambas, olhando para a janela. Sorria e acenava. Para Katy, fazia um sorriso aberto, luminoso, isento de dúvidas, como se acreditasse que ela continuaria a ser para si uma maravilha, e ele para ela, eternamente. O sorriso para a sua mulher era esperançoso e confiante, parecendo conter uma espécie de determinação. Algo que não seria fácil transmitir por palavras, e que talvez não viesse a sê-lo nunca. Se Greta tivesse mencionado isto, ele teria retorquido, Não digas tolices. E ela teria concordado com ele, pensando que seria estranho que pessoas que se viam diariamente, constantemente, tivessem de dar qualquer tipo de explicações.

Quando Peter era bebé, a sua mãe levava-o através de umas montanhas cujo nome Greta estava sempre a esquecer, a fim de passar da Checoslováquia soviética para a Europa Ocidental. Não viajaram sozinhos, claro. O pai de Peter planeava acompanhá-los nessa viagem clandestina, mas foi internado num sanatório pouco antes da data marcada para a partida secreta. Devia segui-los quando pudesse, mas em vez disso morreu.

«Já li histórias como essa», disse Greta quando Peter lha contou pela primeira vez. Ela falou-lhe de como nessas histórias o bebé começava a chorar e tinha invariavelmente de ser asfixiado ou estrangulado, para que o ruído não pusesse em risco todo o grupo clandestino.

Peter disse que nunca tinha ouvido história semelhante, e que não fazia ideia do que é que a sua mãe teria feito em tais circunstâncias.

O que ela na realidade fez foi emigrar para a Colúmbia Britânica, onde aperfeiçoou o seu inglês e arranjou emprego a ensinar o que na altura se chamava Prática Comercial a estudantes do secundário. Criou o filho sozinho e mandou-o para a universidade, e agora ele era engenheiro. Quando os visitava no apartamento, e mais tarde na moradia, ela passava o tempo sentada na sala e só entrava na cozinha se Greta a convidasse. Era a sua maneira de ser. Ela levava ao extremo o acto de não reparar. Não reparava, não se intrometia, não dava palpites, embora fosse muito mais hábil do que a nora em todas e quaisquer artes ou competências domésticas.

Além disso, ela livrara-se do apartamento onde Peter havia crescido, mudando-se para um mais pequeno e sem quarto de dormir, com espaço apenas para um sofá-cama. Quer dizer que o Peter já não pode voltar para casa da mãe?, disse-lhe Greta, na brincadeira, mas ela reagiu com uma expressão alarmada. As chalaças magoavam-na. Talvez fosse um problema de linguagem. Mas o inglês era hoje a sua língua habitual, e de facto a única que Peter falava. Ele estudara Prática Comercial — mas não com a mãe — numa altura em que Greta estudava o *Paraíso Perdido*. Ela evitara como a peste tudo o que fosse prático. Peter parecia ter feito o contrário.

Separados pelo vidro, e sem que Katy permitisse um esmorecimento dos acenos, entregaram-se a cómicas, ou até demenciais, expressões de boa vontade. Greta pensou como ele era bonito, e quão pouca noção parecia ter desse facto. Trazia o cabelo curto, ao estilo da época — sobretudo para quem trabalhasse na área das engenharias — e a sua pele clara nunca corava, como a dela, nunca ficava manchada pelo sol, mas apresentava sempre um leve bronzeado uniforme, fosse qual fosse a estação do ano.

As opiniões dele eram um pouco como a sua tez. Quando iam ao cinema, ele nunca queria discutir o filme no final. Dizia que era bom, muito bom, ou assim-assim. Não via qual era o interesse em dizer mais do que isto. O mesmo acontecia, mais ou menos, quando via televisão ou lia um livro. Tinha uma postura paciente com esse tipo de coisas. As pessoas por detrás delas tinham provavelmente feito o melhor que sabiam. Greta costumava interpelá-lo perguntando brus-

camente se ele diria a mesma coisa acerca de uma ponte. As pessoas que a construíram também fizeram o seu melhor, mas o seu melhor não foi suficiente e a ponte caiu.

Em vez de tentar rebater, Peter ria-se.

Não é a mesma coisa, dizia ele.

Não?

Não.

Greta devia ter percebido que a atitude dele — não-te-rales, tolerante — era uma bênção para si, porque ela era poeta, e nos seus poemas havia coisas nada alegres ou fáceis de explicar.

(A mãe de Peter e as pessoas com quem ele trabalhava — e que estavam a par do facto — ainda diziam poetisa. Greta ensinara-o a não o fazer. Quanto às restantes, não havia necessidade de as corrigir. Os parentes que ela deixara para trás na sua vida, assim como as pessoas com quem se dava agora no seu papel de mãe e dona de casa, não precisavam de ser corrigidos, pois nada sabiam desta sua peculiaridade.)

Seria difícil explicar, mais tarde na sua vida, o que é que nesse tempo se considerava certo ou errado. Poder-se-ia dizer, bom, o feminismo estava errado. Mas aí teríamos de explicar que feminismo não era sequer uma palavra que as pessoas usassem. Depois ficaríamos atapalhadas ao explicar que ter qualquer ideia autêntica, já para não falar de ambições, ou mesmo ler um livro sério, podia ser visto como suspeito, algo indissociável do facto de o nosso filho ter contraído pneumonia, e que um comentário sobre política numa festa do escritório podia custar ao nosso marido uma promoção. E era indiferente qual o partido político visado. Mulher que o fizesse, era porque gostava de falar à toa.

As pessoas rir-se-iam e diriam, Oh, de certeza que está a brincar, e nós teríamos de dizer, Bom, mais ou menos. Depois Greta diria que pelo menos era mais seguro escrever poemas sendo mulher do que sendo homem. Que era nesses momentos que a palavra poetisa se tornava útil, como uma teia de algodão doce. Peter não pensaria do mesmo modo, dizia ela, mas há que recordar que ele tinha nascido na Europa. Ainda assim, ele saberia o que é que os seus colegas de trabalho pensariam sobre essas coisas.

Nesse Verão Peter ia passar um mês, ou talvez mais, em Lund, lá para cima, o mais a norte possível, onde teria uma empreitada a seu cargo. E em Lund não havia alojamentos para Katy e Greta.

Mas Greta mantivera contacto com uma rapariga com quem trabalhara na biblioteca de Vancouver, rapariga essa que estava agora casada e vivia em Toronto. A amiga e o marido — que era professor — iam passar um mês à Europa nesse Verão, e ela escrevera a Greta e a Peter perguntando se podiam fazer-lhes o favor — ela era muito cortês — de passarem uma parte desse mês na sua casa de Toronto, para que não ficasse vazia. E Greta respondera-lhe que Peter não podia ir, por causa do trabalho, mas que ela e Katy sim.

Era por isso que estavam agora a acenar, ele na plataforma e elas no comboio.

Existia na época uma revista chamada *The Echo Answers*, de periodicidade irregular e publicada em Toronto. Greta encontrara-a na biblioteca e enviara para lá alguns poemas. Dois deles tinham sido publicados, e o resultado foi que quando o editor viera a Vancouver, no Outono passado, ela havia sido convidada para uma festa, juntamente com outros escritores, para o conhecer. A festa era em casa de um escritor cujo nome ela julgava conhecer desde criança. Estava marcada para o fim da tarde, quando Peter estava ainda no trabalho, pelo que Greta arranhou quem ficasse a tomar conta da filha e apanhou um autocarro para Vancouver Norte, que atravessava a Ponte de Lions Gate e Stanley Park. Depois teve de esperar em frente à Baía de Hudson pelo autocarro que a levou, num longo trajecto, até à zona do *campus* universitário, que era onde o escritor vivia. Saiu na última paragem da carreira, encontrou a rua e percorreu-a de olhos postos nos números das portas. Trazia sapatos de salto alto, o que lhe abrandava consideravelmente o passo. Trajava também o seu vestido preto mais sofisticado, que apertava nas costas com um fecho de correr, que roçava ao de leve pela cintura e lhe ficava sempre um pouco justo nas ancas. Dava-lhe um aspecto algo ridículo, pensou ela, enquanto seguia num passo trémulo por ruas sinuosas e sem passeios, o único transeunte na tarde que findava. Casas modernas, de janelas vistosas, como em qualquer subúrbio em ascensão, mas

muito diferentes do que ela esperava. Começava a perguntar a si mesma se se teria enganado na rua, e a ideia não lhe desagradava. Podia voltar à paragem de autocarro, onde havia um banco. Podia tirar os sapatos e preparar-se para a longa e solitária viagem de regresso a casa.

Mas quando viu os carros estacionados, e o número da porta, era tarde de mais para dar meia-volta. O ruído filtrava-se por sob a porta fechada e ela teve de tocar duas vezes à campainha.

Foi recebida por uma mulher que tinha todo o ar de estar à espera de outra pessoa qualquer. Recebida não era a palavra certa — a mulher abriu a porta e Greta disse que devia ser ali a festa.

«Que lhe parece?», disse a mulher, e encostou-se ao umbral. A passagem ficou assim bloqueada até que Greta lhe perguntou, «Posso entrar?», e a outra afastou-se com uma expressão de sofrimento. Não convidou Greta a segui-la, mas esta seguiu-a de qualquer modo.

Ninguém lhe dirigiu a palavra ou reparou nela, mas passado um instante uma rapariga pôs-lhe à frente uma bandeja com copos de algo que parecia ser limonada cor-de-rosa. Greta pegou num, bebeu-o aos goles, sequiosa, e depois pegou noutra. Agradeceu à rapariga e tentou encetar com ela uma conversa sobre o suado estirão que fizera, mas a rapariga não se mostrou interessada e virou costas, prosseguindo com o seu trabalho.

Greta adentrou-se na festa. Ia sorrindo. Ninguém olhava para ela com uma expressão de reconhecimento ou de satisfação, e porque haviam de olhar? As pessoas miravam-na de relance e prosseguiam com as suas conversas. Riam-se. Toda a gente, excepto Greta, chegara ali apetrechada com amigos, piadas, meios segredos, todos pareciam ter encontrado alguém para lhes dar as boas-vindas. Excepto os adolescentes, que continuavam a distribuir carrancudamente, incansavelmente, as suas bebidas cor-de-rosa.

Mas Greta não desistiu. A bebida estava a ajudá-la e ela resolveu beber outra assim que a bandeja lhe passasse à beira. Olhou à sua volta, à procura de um grupo de conversadores em cuja roda se pudesse infiltrar. Julgava ter encontrado um quando ouviu serem referidos títulos de filmes. Filmes europeus, que à época começavam a passar em Vancouver. Ouvia o título de um que tinha ido ver com Peter. *Os Quatrocentos Golpes*. «Oh, eu vi esse.» Disse isto em voz